

## CUTTER'S WAY / 1981

um filme de Ivan Passer

**Realização:** Ivan Passer / **Assistente de Direcção:** Larry J. Franco e Jeffrey Chernov / **Argumento:** Jeffrey Allan Fiskin, baseado no livro *Cutter and Bone* de Newton Thornburg / **Fotografia:** Jordan Conenweth / **Montagem:** Caroline Ferriol / **Direcção Artística:** Josan Russo / **Cenários:** Thomas L. Roysden / **Música:** Jack Nitzsche, interpretada por The Toronto Symphony Orchestra ("Armin Electric Strings") / **Canções:** Jack Nitzsche e John Byrum, interpretada por Jack Nitzsche ("We're Old Enough to Know") e The Doobie Brothers ("Open Your Eyes") / **Guarda-Roupa:** Jane Ruhn / **Som:** Ron Horwitz, Greg Barbanell / **Interpretação:** Jeff Bridges (Richard Bone), John Heard (Alex Cutter), Lisa Eichhorn (Maureen Cutter, "Mo"), Ann Dusenberry (Valerie Duran), Stephen Elliott (J.J. Cord), Arthur Rosenberg (George Swanson), Patricia Donahue (Mrs. Cord).

**Produção:** Gurian Entertainment para a United Artists / **Produtor:** Paul R. Gurian / **Cópia:** DCP Technicolor, legendado eletronicamente em português, 110 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

---

**Cutter's Way** é apresentado em "double bill" com **The Wings of Eagles** de John Ford ("folha" distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

---

Foi nos anos 60 que, meio surpresos, meio incrédulos, descobrimos que a Checoslováquia tinha um "jovem cinema". Nomes como os de Milos Forman, Vera Chytilova, Jiri Menzel, Jan Nemeč tornaram-se familiares e os seus filmes foram sucessos de estima pela desenvoltura formal e temática que exibiam. Em 1968, essa "Primavera" do cinema checoslovaco sofreu um súbito arrefecimento. Os tanques soviéticos passaram para grande-plano e a ortodoxia e o conformismo retomaram os seus lugares, obrigando em geral ao exílio das figuras mais destacadas (caso de Forman e do argumentista Miroslav Ondricek, por exemplo) para os Estados Unidos.

Ivan Passer, o autor do filme que vamos ver, passou por todas estas "etapas" do processo que atrás se refere. Foi um dos expoentes da renovação do cinema checo (apenas com uma média e uma longa-metragens) e, como alguns dos seus pares, zarpou em direcção aos EUA quando, depois da invasão do "país amigo", o cinema entrou em recessão.

A carreira de Passer na América é um pouco o "negativo" da do seu compatriota Milos Forman. Como escreveu Peter Kral na revista "Positif", "a via do reconhecimento, mais do que nunca, é aquela que Forman escolheu: a via de um cinema mais 'hollywoodiano' ainda do que o dos indígenas, de uma eficácia tão meditada, tão sábia e tão espessa que quase aflora o pastiche. Passer, cuja obra absorveu sobretudo o tónus dos pequenos filmes independentes americanos (ou então o de certos 'géneros' ditos marginais), continuou a ser um *outsider*. Sem fazer desta situação uma virtude, é legítimo pensar que é graças a ela (igualmente) que os filmes de Passer permanecem tão pessoais."

**Cutter's Way** – título do filme que inicialmente começou por ser **Cutter and Bone**, à imagem do título da novela que lhe deu origem – confirma largamente a síntese de Kral relativa à carreira americana de Passer. A começar pelos aspectos de produção. Os direitos da novela foram comprados

por Paul Gurian que contava ter Robert Mulligan como realizador e Dustin Hoffman e John Heard respectivamente como Cutter e Bone. Hoffman, todavia, tinha outros compromissos e Mulligan, sem ele, não mostrou particular empenhamento pelo projecto. Foi nessa altura que a United Artists se interessou, contratando Passer para a realização e impondo Jeff Bridges – o que lhes permitiria "fazer o pleno" para o actor, juntamente com **Heaven's Gate** de Cimino – como *star* do filme, do que resultava caber a John Heard o papel de Cutter. O filme teve um orçamento mínimo – comparativamente com o "average budget" de Hollywood – que orçou pelos 3 milhões de dólares. Foi feito, como disse um crítico americano, quase amorosamente, mas depois veio o imprevisível. **Heaven's Gate** (filme ressuscitado nos últimos anos na versão original) foi o malogro comercial que se sabe e, uma vez que a United Artists concebia **Cutter's Way** como um projecto lateral que seguiria na corrente daquele, o filme tornou-se uma batata quente a que ninguém quis deitar a mão. Considerado extremamente depressivo, tendo sofrido um ataque extemporâneo e de Vincent Canby, o crítico do "New York Times", **Cutter's Way** viria a ser lançado sem convicção (com um ridículo orçamento para a publicidade, de tal forma que, mais do que a data de lançamento, a tónica foi colocada na data da saída do cartaz). Era um "filme difícil". Caso encerrado.

Parecia, mas acabou por não ser. Integrado nos clássicos da United Artists, e depois de receber algum reconhecimento em festivais, o filme voltou a ser relançado, com novo título – foi nesta altura que de **Cutter and Bone** passou a **Cutter's Way** – convertendo-se a breve trecho num "cult movie", e sendo então comparado pela crítica (americana e europeia) ao "Moby Dick" de Melville, quer pela missão de justiceiro que Cutter a si mesmo se comete, quer pela correspondência que se pode estabelecer entre os pares Cutter-J.J. Cord e Ahab-baleia branca.

"Moby Dick" é uma pista possível para **Cutter's Way** – e é uma pista que Ivan Passer não enjeita – mas há outras igualmente atraentes. Uma delas é certamente a do "filme negro". Note-se de resto, que a este título, **Cutter's Way** é um filme muito pouco convencional para os gostos dos executivos de Hollywood. Se é verdade que Cutter encontra na visão de um crime e na sua denúncia um propósito obsessivo (constituindo uma personagem que está longe de ser simpática), em parte semelhante ao que seria o inquérito de um detective, também é verdade que nada nos assegura da culpabilidade de J.J. Cord, questão que, sublinhe-se, levantou pruridos vários à United Artists, conforme nos conta Ivan Passer: "Era a minha angústia. Nem conseguia dormir. Era o elemento mais excitante do projecto. Tinha um caminho muito apertado a percorrer e num equilíbrio precário. Era como evoluir num campo de minas: não se sabe onde estão as minas e a cada passo arriscamo-nos a fazê-las explodir... A United Artists queria fazer do homem um culpado, o que acabaria por alterar a significação da obra. Isso teria dado um outro filme. Não teria havido todos esses problemas de consciência, todos esses problemas éticos e essas ambiguidades. O filme só tem sentido se a culpabilidade do homem não for provada. E, no entanto, a maioria do público faz dele um culpado".

Donde vem a impressão de que é necessário atribuir a culpa a J.J. Cord? Julgo que ela resulta em grande parte da outra pista que o filme contém (as duas primeiras, recordo, eram o "Moby Dick" e o "filme negro"), a saber, o Vietname. É do Vietname que vem o "capitão Ahab" de Passer e foi no Vietname – a "outra baleia", o alter ego do J.J. Cord – que Cutter ficou mutilado.

Toda a ambiguidade de **Cutter's Way** vem desse impensado – desse espaço em branco – que é o Vietname. E é por causa do Vietname que, pouco a pouco, o estatuto de Cutter se transforma (de personagem irritantemente incómodo passa a "herói") e a suspeita em relação a J.J. Cord cresce, fazendo dele o culpado necessário, que os factos estão longe de confirmar.

Se há um "ponto de vista estritamente cinematográfico" eu diria que o fim de **Cutter's Way**, com a explosão física do trio principal, é a única conclusão possível para esse tecido ambíguo no qual se movem como peões, Cutter, Bone e J.J. Cord (admirável a utilização que Passer faz do personagem, usando-o intermitentemente, como uma mancha branca que emerge para logo desaparecer).